

**A LEXICOGRAFIA
NAS POESIAS DE MANUEL BANDEIRA
E SEUS CAMPOS SEMÂNTICOS**

Luci Mary Melo Leon (UERJ)

lmary@uol.com.br

Para se fazer um dicionário não é preciso uma mente brilhante e original, mas alta inteligência, domínio do ofício e dedicação a uma árdua tarefa. Se alguém produziu um dicionário, terá a satisfação de ter produzido uma obra de valor. Os dicionários sobrevivem a seus autores por muitos anos. (Landau 1989, p. 4)

Diz Mattoso Câmara Jr. (1997) que a Lexicografia é o estudo metódico – enumeração cognição, significação – das palavras de uma língua, feito em dicionário. Na Literatura utiliza-se a língua a serviço da criação poética, recorrendo-se sistematicamente a traços estilísticos e a convenções próprias de objetivo artístico. Diante desses conceitos, nada mais justo do que valorizar o estudo lexicográfico na obra literária. Ao escolher uma obra de um escritor, o pesquisador despertará no leitor uma visão de uma época, de uma língua e de um estilo próprio.

Como lembra Francisco da Silva Borba (2003), um dicionário não deve ser tomado apenas como um simples repositório ou acervo de palavras, ao contrário, deve ser um guia de uso e, como tal, tornar-se um instrumento pedagógico de primeira linha. Tal é o intuito deste trabalho, desenvolver a pesquisa lexicográfica em uma obra literária em que cada palavra só poderá se interpretada dentro do contexto em que foi enunciada. Com isso, teremos uma pesquisa que contribui para o conhecimento, de forma mais abrangente da trajetória de um escritor.

Em um dicionário da língua portuguesa, o estudo lexicográfico, não poderá ser fechado, já que palavras novas irão surgir e motivarão revisões, ampliações e atualizações. Diferentemente, organizar o glossário de uma obra literária é destacar verbetes presentes na produção de um escritor, selecionando todas as palavras que a pes-

quisa se propuser. Desde 1971, professores da USP, segundo informa Aparecida Barbosa (1995, p. 55), incluíram a disciplina lexicologia e lexicografia em sua grade curricular, o que proporcionou a elaboração das primeiras dissertações de mestrado nessa área, defendidas a partir de 1980. Barbosa afirma que no II Encontro Nacional da Anpoll, em 1987, foram apresentados trabalhos lexicográficos. Entretanto, não podemos levar em consideração as pesquisas daquele momento já que nossa pretensão é a relação entre lexicografia e literatura. Por isso, abordaremos três das principais obras que se voltaram para esse tipo de pesquisa lexicográfica, tomando como foco escritores do âmbito literário.

“Não poderíamos trabalhar sem os dicionários, como não poderíamos trabalhar sem couro ou tijolos se fôssemos sapateiros ou pedreiros.” (Graciliano Ramos)

Este artigo defende a pesquisa lexicográfica e pretende despertar nos estudiosos o reconhecimento do léxico como um dos elementos mais expressivos na obra de um escritor.

Esse olhar cotidiano às vezes capta o que existe por trás do que é explícito e evidente, algo por ele revelado em “Itinerário de Pasárgada”:

Mas ao mesmo tempo compreendi [...] que em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras, e não com ideias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia.

Com o levantamento realizado, visamos elaborar um estudo lexicográfico que também possa vir a auxiliar futuros pesquisadores interessados em se aprofundar na obra “bandeiriana”. Como educadores e pesquisadores, é fundamental que consideremos o estudo do léxico de escritores no âmbito acadêmico.

Ao escolher as palavras, Bandeira faz uma seleção que envolve momentos de sua terra natal, da infância, da doença, da morte e da solidão. Por tais razões, sua seleção lexical consegue despertar no leitor o cotidiano de um sofrimento. Conhecendo a vida de Bandeira, tomamos contato com boa parte de sua obra, porque ela é veementemente autobiográfica. Cada palavra retrata uma época de dificuldades diante da doença que mata sem pena. Cada palavra tem sua

história. Cada história tem seu significado. O poeta, assim, trabalha com neologismos lexicais¹, inventando palavras como, *antiburocrata* [254], *antipassadista* [254], *batega* [38], *beckeriano* [277] *calmado* [16], *teadorar* [229]. Sonha, ainda, com Pasárgada – que representa em uma só palavra diversos sentidos.

Predomina em sua obra a área semântica do desalento, do desencanto, do pranto, do sangue, da amargura, da angústia e da morte, e isso nos revela toda a sua descrença no futuro. Não nos cansa observar, por exemplo, o léxico transparente dominado pelo desconsolo. Aliás, podemos dizer que não há palavras isoladas, e sim uma consciência no trabalho poético do escritor. Como se pôde observar, o poeta demonstra domínio do léxico na maneira de usar e brincar com as palavras, ampliando-lhes o sentido e transformando termos do cotidiano em poéticos. Tomemos como exemplo a palavra “beco”, que foi inspiração para quatro poesias de Bandeira. Também o poema “Balada das três mulheres do sabonete Araxá” comprova esse estilo do escritor, que cria uma poesia com a palavra “sabonete”. Ou melhor, seu jogo é permanente, principalmente ao escolher a infância como a época de pura felicidade e a adolescência como a da descoberta da dor. Com o tempo, o vocabulário da poesia de Manuel Bandeira ganha nova motivação. O poeta vivencia cada termo no tempo afetivo e certo.

Inúmeras pesquisas se têm feito da obra de Manuel Bandeira, mas nenhuma acerca de seu vocabulário. É bem verdade que um dos intuítos aqui é despertar nos estudiosos, tanto de língua como de literatura, o prazer em “mergulhar” no vocabulário de poetas brasileiros. Afirma Nícia Verdini Clare que a “linguagem não pára e não existe dicionário capaz de registrar todas as aquisições léxicas”, embora tenhamos aparentemente um registro estático, colhido de fonte definida, ou seja, uma obra publicada em versão definitiva. Porém, mesmo nesse contexto “a linguagem não pára”, abrindo-se na leitura e na interpretação incapazes de se encerrarem.

É o que depreendemos quando observamos que palavras Bandeira empregou com mais frequência: vida-118; amor-135; menino-

¹ Neologismos lexicais “são palavras novas, isto é, não dicionarizadas ou recém-dicionarizadas” (HENRIQUES, 2003, p. 87)

93; dia-76; coração-70; grande-64; céu-55; mulher-52; nome-41; poeta-59; sonho-56; voz-47; alma-46; voz-47; água-40; coisa-40; mundo-38; boca-32; tristeza-31; morte- 31; amigo-30; alegria-29; corpo-28; ternura-27; bom-27; boca-25; verso-25; vento-24; anjo-24; leve-23; mau-22; criança-20; cidade-20; beleza-20. Podemos observar que são os vocábulos básicos da língua, aqueles que todos conhecem e usam, mas que em Bandeira ganham força de estilo e de sentido.

Com relação aos campos semânticos, mais presentes no glosário, podemos citar:

ANIMAL – abelha, borboleta, cabrito, cadela, cobra, coelho, coruja, corvo, girafa, ovelha, pato, urubu.

CARINHO – abraço, afeto, beijo, carinho, chamego.

CÉU – arco-íris, chuva, constelação, estrela, neblina, nuvem.

COR – amarelo, azul, branco, cinza, cor-de-rosa, vermelho.

CORPO HUMANO – axila, boca, braço, busto, cabeça, joelho, mão, olho, quadril.

GENTÍLICOS – africano, argentino, brasileiro, grego, holandês, japonês, português.

MORTE – caixão, capela, cemitério, cruz, defunto, despedida, enterro, funeral, morte, padre.

PARENTESCO – afilhado, avô, bisavô, bisneto, compadre, filho, irmão, pai.

RELIGIÃO – aleluia, aliança, altar, anjo, batismo, bênção, cálice, cruz, Deus, discípulo, igreja, imagem, padre, santo.

SENTIMENTOS – amor, ciúme, compaixão, melancolia, saudade, ternura, tristeza.

SOFRIMENTO – choro, culpa, perdão, raivoso, remorso, traição, trama.

VEGETAÇÃO – árvore, cacto, caule, coqueiro, flor, folha, folhagem, jasmim, mata, pinheiro.

A partir dos campos semânticos predominantes, observamos que a obra de Bandeira privilegia a religião, a morte e os sentimentos. Palavras como tristeza e dor são frequentes em seus poemas, comprovando os temas que mais acompanharam o poeta em todo seu caminho. Por isso, o poeta no livro *Estrela da Tarde*, escreveu as seguintes poesias: “Preparação para a morte”; “Vontade de morrer”, “Canção para a minha morte” e “Programa para depois de minha

morte”. Outro campo semântico que se destaca em suas poesias é a religião, já que o poeta escreveu para várias santas: “Oração a Santa Teresa”, “Nossa Senhora de Nazareth”, “Oração a Nossa senhora da Boa Morte”, “A Virgem Maria” e “Oração a Teresinha do Menino Jesus”. Porém, nem sempre em sua obra existe somente sofrimento, já que as palavras que mais parecem em seus poemas são vida, sol e amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Academia, 1998.

_____. *Neologismo, A criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de (org.). *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Gráfica Ed. Hamburg, 1936.

ARRIGUCCI, Davi JR.. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

BACIU, Stepan. *Manuel Bandeira de corpo inteiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

_____. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 1973.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1995.

BEZERRA, Elvia. *A trinca do Curvelo*. Rio de Janeiro, 1995.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

CARA, Salete de Almeida. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Abril Educação, 1981.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática,

1989.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. *A linguagem da política: inovações linguísticas no português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2004.

COUTO, Ribeiro. *Três retratos de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2004.

FONSECA, Edson Nery da. *Alumbramentos e perplexidades*. São Paulo: ARX, 2002.

_____. *O poeta do alumbramento*. O Globo, Rio de Janeiro: 14 set. 2002. Segundo Caderno, p. 1.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Dicionário de epítetos de escritores da literatura brasileira*. Rio de Janeiro & São Paulo: UERJ & USP, 2006. – tese de pós-doutoramento.